

EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA: UM OLHAR OTIMISTA

Mário Sérgio Batista*

 <https://orcid.org/0000-0003-4747-1718>

Como citar este artigo: BATISTA, M. S. Educação em tempos de pandemia: um olhar otimista. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 1-6, maio/ago. 2021. DOI 10.5935/1980-6914/eLETD02114611

Submissão: junho de 2021. **Aceite:** junho de 2021.

Resumo: Esse texto pretende abordar questões educacionais em tempos de pandemia sob a perspectiva de um olhar otimista, considerando a capacidade dos professores de se reinventarem.

Palavras-chave: Educação. Internet. Pandemia. Preparação. Tecnologia.

INTRODUÇÃO

Creio que podemos começar este texto com uma pergunta provocativa: “O que é Educação”? Porém, antes de respondermos à pergunta, entendemos que ela é provocativa porque partimos do princípio de que todos nós temos algo a dizer sobre educação. De um jeito ou de outro, consciente ou inconscientemente, nos referimos e nos sujeitamos a ela o tempo da nossa vida e refletimo-la em nossos atos e atitudes, bem como a cobramos dos outros.

No meu tempo de infância pelas ruas do município de São Caetano do Sul, minha cidade natal, era comum quando uma criança, menino ou menina, fizes-

* Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), São Paulo, SP, Brasil. E-mail: mario.batista@mackenzie.br

se algo que aos olhos de alguém fosse errado ouvir: “Sua mãe não te deu educação”? Sim, sabemos que esse é um discurso que traz uma ideologia machista, atribuindo toda a responsabilidade da educação de uma criança à sua mãe, porém, não podemos negar o fato de que uma educação e, conseqüentemente, uma formação no modo de conduta estão sendo cobradas. Outra coisa que não podemos negar é a reprodução desse discurso entre as próprias crianças.

A verdade é que “ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar” (BRANDÃO, 1995, p. 7). Com essa afirmação em mente, e concordando com ela, podemos revestir-nos, então, de coragem para contribuir com uma resposta à inquietante pergunta: “O que é educação”? Entre as várias respostas possíveis e permitidas a ela, educação é, conforme o nosso entendimento, o exercício constante de compartilhar e construir saberes em um processo relacional de ensino-aprendizagem. Assim, desde o nosso nascimento até a nossa morte passaremos obrigatoriamente pelo processo de ensino-aprendizagem – a menos que duvidemos de que o nascimento de pessoas nos ensina na mesma proporção que a morte.

Nesse sentido, a educação passa a ser um desafio relacional de troca de saberes sem limites e fronteiras. Por isso, ela deve ser percebida como uma via de mão dupla. Aqui estamos considerando que ninguém retém o saber absoluto sobre qualquer coisa que a educação possa oferecer, da mesma forma que ninguém pode ser considerado limitado para aprender o que lhe é explicado.

DO PREPARO DAS AULAS À SUA EXPOSIÇÃO: UM DESAFIO A SER VENCIDO

A posse de qualquer conhecimento não significa, necessariamente, sua aplicação constante e correta por parte daquele que o possui – razão pela qual muitas pessoas sabem o que devem fazer em suas respectivas áreas de atuação, pois conhecimento elas têm para isso, mas não fazem. A questão que se estabelece, então, é a distância entre aquilo que sabemos fazer e aquilo que, de fato, fazemos.

Ao entendermos e aceitarmos que a educação é um desafio relacional, estamos dizendo que, para a sua concretização, sempre haverá de ter um “eu” e um “tu” nesse processo de construção de saber, nessa troca de informações e conteúdo. Assim, temos dois privilégios, o de ensinar e o de aprender. Como esses privilégios são constantes e dinâmicos, então, precisamos sempre ter a disposição de aprender e ensinar, e ensinar para aprender.

O cenário atual, cenário pandêmico em que as informações diárias sobre o coronavírus, desde março de 2020, pelos meios de comunicação, tem na morte a notícia dominante. Por um lado, isso nos assusta. Por outro, enche-nos de fé e esperança na vacinação como resposta concreta à imunização da população. E, aparentemente, isso já está acontecendo, ainda que de forma lenta, segundo as nossas expectativas, mas está acontecendo.

No tocante à área da Educação, ensino-aprendizagem, novos desafios foram estabelecidos por causa da dinâmica educacional, que precisou ser mudada quase instantaneamente. Assim, de repente, o ambiente de sala com aula presencial, onde o espaço físico era dividido entre professores e alunos numa interação real e constante, teve de ser mudado por causa da ruptura estabelecida

pela imposição do distanciamento social e pelas normas de segurança sanitária. Desse modo, professores e alunos estão diante de uma nova realidade, que precisa ser absorvida e entendida o mais rápido possível, já que na exposição das aulas aparece “o computador”. E, como toda mudança traz consigo um certo medo, uma certa insegurança, com os profissionais da Educação não seria diferente.

Totalmente envolvidos no contexto pandêmico e, de alguma forma, buscando respostas para este novo momento desafiador, professores depararam com a realidade de adaptação, tanto no que diz respeito a preparar a aula quanto à sua exposição. Entendemos que a tarefa e o cuidado em preparar as aulas não mudou praticamente nada na rotina do professor em relação ao seu compromisso e à visão da sua vocação.

Assim, a pesquisa, a metodologia, a elaboração dos temas, a construção dos textos, as propostas, os objetivos e os conteúdos continuaram a nortear a dinâmica do dia a dia dos professores, porém acreditamos que o psicológico do docente foi, de certa forma, afetado não no que diz respeito à preparação de suas aulas, mas na sua exposição, já que agora, pelo menos por enquanto, ela não pode ser presencial, mas, sim, remota, e a isso ele precisa se adequar.

Concordando com o fato de que o ato de ensinar exige automaticamente compromisso com o ensino e com o educando, pois “quem ensina ensina alguma coisa a alguém” (FREIRE, 1996, p. 23), então esse compromisso, necessária e obrigatoriamente, precisa ser sempre renovado e aperfeiçoado a cada momento da prática docente, estabelecendo com isso novos desafios que precisam ser vencidos, precisam ser superados.

Partindo do princípio verdadeiro sobre o compromisso que o educador deve ter com a educação/formação, podemos comparar esse compromisso, então, com uma chama que arde no coração daqueles que ensinam. Evidencia-se que há inerente nesse ato de ensinar, um prazer. Há, portanto, uma satisfação real nessa atividade de ensinar, de transmitir conhecimento, que desemboca na realização pessoal dos educadores; entretanto, especificamente, neste contexto pandêmico, novos desafios surgiram e eles precisam ser vencidos.

O uso constante das tecnologias não apenas para a preparação das aulas, mas para a sua exposição requereu de todos os envolvidos na prática docente uma dedicação maior e uma adaptação mais rápida ao uso das ferramentas. Assim, a questão que se estabeleceu com os recursos tecnológicos de que dispomos não era de uso, por exemplo, fazer pesquisas ou buscas em algum *site* de pesquisa, mas, sim, o fato de que agora todo o recurso tecnológico de que dispusermos, tudo que estiver em nosso alcance, pode e deve, prioritariamente, ser percebido e usado como ferramenta disponível para o trabalho docente. E aí é preciso ter certo domínio. E é aqui que o desafio da exposição das aulas se estabelece.

DO DOMÍNIO DAS FERRAMENTAS DA INTERNET À EXPOSIÇÃO DA AULA

A ideia de domínio carrega em si a ideia de exercer poder sobre algo ou alguém. Quem domina alguma coisa tem autoridade sobre ela. Nós temos os nossos desafios profissionais, eles aparecem, muitas vezes, quando menos esperamos. Eles precisam ser vencidos e, para vencê-los, é preciso enfrentá-los, assim

é que se estabelece uma luta para todos nós nas mais variadas áreas da nossa vida. Nessa luta, ou sairemos vencedores ou perdedores. Se vencermos, teremos domínio e, se perdermos, seremos dominados. Não há meio termo.

A grande questão que fica para nós é sabermos quais são os ideais envolvidos e quem somos nós nessa luta, e se essa luta vale a pena ou não, se ela nos afeta e quanto nos afeta. Com essas informações claras em nossas mentes, teremos disposição para enfrentar os desafios que estiverem a nossa frente, o nosso engajamento será ainda mais compromissado e o nosso envolvimento ainda mais consciente.

Quando falamos de dominar, de vencer o inimigo ainda que ele seja maior do que nós e os obstáculos nos assustem, encontramos em uma narrativa bíblica a motivação para prosseguir no nosso caminho. A narrativa bíblica conta que, de um lado, estava um moço, um jovem inexperiente, chamado Davi; do outro lado, um gigante guerreiro e experiente, chamado Golias. Apesar de as circunstâncias lhe serem todas desfavoráveis, o jovem Davi venceu aquela batalha. Davi derrotou o gigante e experiente guerreiro Golias, ele venceu o obstáculo que o desafiava.

Com essa história em mente, deparamos com a questão de ter que dominar as ferramentas da internet para melhor atender à demanda que se estabeleceu por causa da Covid-19 – aí estava “o nosso Golias” –, pois o caso não é simplesmente ter uma boa internet para gravar as aulas, ou que o seu sinal chegue com qualidade para sua transmissão, ou ter um computador com boa resolução e programas que nos ajudem na exposição das aulas. Essas coisas, certamente, são importantes para atingirmos o nosso objetivo; contudo, o ponto central aqui é dominar essas ferramentas, saber dialogar com elas para tirar delas o máximo de proveito em benefício da educação/formação do aluno. Sabemos que uma coisa é ter os recursos, as ferramentas disponíveis ao nosso alcance, e outra, bem diferente, é saber usá-los.

A modernidade trouxe para nós uma série de vantagens e mais rapidez em nossas comunicações. Hoje, falamos com pessoas do outro lado do mundo por meio de um aparelho que cabe em nosso bolso. É tudo tão rápido e queremos que fique cada vez mais rápido e com mais qualidade. É internet 5G, fibra ótica e tantos recursos que nos impressionam. Contudo, lembro-me de um lápis, quando estudei no primário, que vinha com tabuada nele. Aquilo, para mim, era a tecnologia mais avançada, pois bastava a professora perguntar e, pronto, lá estava a resposta. O sinal não caía. Era rápido, era instantâneo, mas, como nada é perfeito, a ponta dele não podia quebrar, pois cada vez que se apontava o lápis, perdia-se uma coluna da tabuada.

Voltemos para os nossos dias atuais, no contexto pandêmico em que estamos vivendo. A exposição da aula saiu da sala enquanto espaço físico e restringiu-se a uma tela de computador, *tablet* ou celular. Desse modo, o professor perdeu a sua mobilidade, a empatia com os alunos, o domínio da classe, no sentido de não ter mais aquela visão expandida da sua turma, já que agora, praticamente, todos os alunos ficam com as suas câmeras fechadas enquanto a aula é ministrada. Outra coisa: o professor perdeu a lousa. Sim, a lousa. É verdade que, ultimamente, ela servia, para muitos, como uma tela grande para apresentações de *slides*. Todavia, a lousa e a sala de aula são duas coisas que são diretamente associadas ao professor.

Em decorrência da pandemia do novo coronavírus e, conseqüentemente, do isolamento social, os desafios na área educacional alcançaram proporções em níveis gigantescos, deixando claro que a tecnologia e a educação serão parceiras doravante, mais do que se esperava ou se imaginava. Temos, assim, de um lado a tecnologia/educação e, do outro, os protagonistas, os professores.

A PANDEMIA E A NECESSIDADE DE SE REINVENTAR

É desnecessário dizer que a pandemia mudou a dinâmica da vida de todas as pessoas indistintamente. O pobre, o rico, o culto, o inculto, aqueles que dominavam certa área e aqueles que dela nada sabiam também foram afetados. Ninguém escapou, nenhuma área e nenhum setor passou pela pandemia despercebido. Disso se depreende que dificuldades das mais variadas surgiram e em muitos setores ainda imperam.

Na Educação isso não poderia ser diferente, principalmente no início da pandemia, já que ninguém sabia como lidar com o vírus. Reinventar, talvez seja essa a palavra que melhor define as perspectivas lançadas para o professor. Para se reinventar é preciso se adaptar à nova realidade e foi exatamente isso o que aconteceu com a maioria dos professores.

Dispostos a vencerem os desafios impostos pela pandemia, os professores começaram a fazer uma busca de maneira intensa para obterem informações necessárias, objetivando compreender melhor as ferramentas tecnológicas disponíveis.

É claro que essa atitude não excluiu o desgaste, o estresse e o próprio medo diante do fato de que a dinâmica e a rotina de anos na docência precisariam ser mudadas rapidamente. Aulas virtuais, provas/avaliações a distância, ministração de aula sem ver o aluno, mais tempo de fala e sem interrupções, mais tempo na frente do computador etc. Alguns professores pediram “socorro”, outros entraram em pânico diante da nova realidade, mas, no final, tudo se ajustou e hoje os professores, com suas capacidades de se reinventarem, dominam a situação. Podemos dizer que eles não deixaram a “peteca cair”. Deram a volta por cima.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que tange às questões na área da Educação, a pandemia do novo coronavírus despertou e acelerou o uso das tecnologias por parte dos professores com mais intensidade. Nesse sentido, podemos dizer que foi possível, ao mesmo tempo, oferecer educação *on-line* para milhões de brasileiros e possibilitar aos professores no exercício da docência sua reinvenção.

Como será a educação depois da pandemia é evidente que não sabemos, mas, com certeza, podemos dizer que os professores estão bem mais preparados do que antes dela. O terreno já está pronto.

EDUCATION IN TIMES OF PANDEMIC: AN OPTIMISTIC LOOK

Abstract: This text intends to approach educational issues in times of pandemic from the perspective of an optimistic view, considering the capacity of teachers to reinvent themselves.

Keywords: Education. Internet. Pandemic. Preparation. Technology.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, C. R. *O que é educação*. 33. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.